

Magna) eram naturais das freguesias de Santa Maria e de S. Julião, em Setúbal. Agripino caminhava para os dez anos. Logo se empregou como aprendiz de polidor de móveis. Seguiu a tradição familiar: também carpinteiros haviam sido o pai, Honorato, e o avô paterno, Tomé Joaquim.

Apenas com o exame da instrução primária, Maia lograra assenhorear-se de uma invulgar cultura literária. Como artista desenhador nato e exímio que era, rumou a Lisboa e empregou-se na oficina litográfica da Companhia Nacional Editora (1899), dirigida por Roque Gameiro (1864-1935). Ali se manteve até finais de 1903. De novo em Setúbal, dotado de um espírito crítico de rara acuidade, tornou-se colaborador assíduo de uma boa dúzia de periódicos locais. Ilustrou, abundantemente, *O Sul*, «*Semanário Democrático*», e fez parte do grupo fundador do *Germinal*, hebdomadário anarquista. Para Ana de Castro Osório (1870-1935) ilustraria *Os Animais*, série de contos «Para as crianças» (1903). Na Capricho Setubalense fundou e dirigiu, na década de 1920, o respetivo sexteto de saxofones. **[CM]**



FONTE: CARVALHO, 1968: S.P.



**Almeida Carvalho**

(Setúbal, 05/03/1817 – Setúbal, 30/03/1897)

## **O fundador d'*O Setubalense***

João Carlos de Almeida Carvalho figura, muito justamente, neste volume comemorativo do 165.º aniversário d'*O Setubalense*. Se outras justificações não existissem, bastaria ter sido ele o promotor da edição, em 1 de julho de 1855, deste pioneiro título da imprensa local – *O Setubalense* – arrojada iniciativa que por pouco lhe não custou a vida.

Filho de António Coelho de Carvalho e de Ana Rita de Almeida e Silva Carvalho, João Carlos nasceu no prédio com o número 224 da antiga rua da Praia (hoje avenida Luísa Todi). Após o aproveitamento nas primeiras letras, na terra natal, viu-se nomeado ajudante de escrivão no cartório paterno, quando apenas contava 16 anos de idade. Passou, então, a conviver com o mundo forense. Mais tarde, ver-se-ia envolvido nas lutas liberais, ao acompanhar seu pai – que capitaneava um batalhão de voluntários das forças realistas – na retirada para Alcácer do Sal. Aqui, contactou com o ideário liberal e, a contragosto paterno, converteu-se-lhe. A tensão criada – por razões ideológicas – entre Almeida Carvalho e os progenitores viria a acompanhá-lo toda a vida. Quis seguir uma carreira na Marinha e quis frequentar o curso de Direito. O pai não lho permitiu. Estudando sempre, num esforço pessoal indizível, seria nomeado taquígrafo da Câmara dos Pares (1839), por intervenção do presidente desta – Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), 1.º Duque de Palmela. Manteve-se na carreira e nela se aposentou (1881). Casou (1844), em Lisboa, com Mariana Inácia Pinto de Carvalho (1820-1884), sua prima, de cuja união nasceriam duas filhas e um filho. Foi-lhe autorizado advogar nos auditórios das comarcas de Setúbal, Almada, Aldeia Galega (Montijo) e Alcácer do Sal (1855). Almeida Carvalho foi, ainda, iniciador e membro ativo da Sociedade Arqueológica Lusitana (1849), a primeira associação científica do género em Portugal, e o principal motor da fundação da Associação Setubalense das Classes Laboriosas (1855), pioneira associação mutualista local.

Deixou publicados inúmeros artigos e opúsculos. Notabilizou-se como incansável investigador e compilador da história local, devendo-se-lhe, nomeadamente, um precioso conjunto de informações colhidas no Arquivo Municipal (desaparecido no incêndio dos Paços do Concelho, em 1910). Os manuscritos guardam-se, hoje, no Arquivo Distrital de Setúbal, estando parcialmente publicados pela Junta Distrital de Setúbal, sob o título *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense*. Faleceu, com oitenta anos, na casa que lhe fora berço. **[AAC/CM]**